

Introdução

O estudo focaliza os processos de silenciamento e resistência em construções identitárias sócio-culturais da goianidade. Como objeto para estudo e análise, escolho, no contexto da entrevista de pesquisa, a fala-em-interação entre a entrevistadora e quatro alunos goianos residentes na Cidade Ocidental e Valparaíso, cidades também goianas, localizadas no entorno de Brasília – Distrito Federal – DF.

A escolha do tema surgiu a partir de minha atuação como professora de Língua Portuguesa, Literatura e Redação, em escolas públicas e particulares da Cidade Ocidental e Valparaíso. Foi uma escolha longa e criteriosa. Observei, por cerca de dois anos, em conversas informais com meus alunos, na interação em sala de aula e em outros encontros sociais na escola, como festas juninas, festas em homenagem às regiões brasileiras, a dificuldade que sentiam em se categorizarem, ou em serem categorizados como indivíduos de naturalidade goiana.

Essa resistência, segundo os alunos, ocorria porque muitos deles tinham medo de serem rejeitados ou estigmatizados pelos familiares, pelos colegas de classe e pelo grupo de amigos, uma vez que boa parte do grupo: a) não tinha Goiás como estado de origem; b) ocultava a região de naturalidade, c) havia nascido no DF, *lócus* onde o estigma se apresenta mais arraigado.

A situação em questão explica-se pelo fato de a criação de Brasília ter contribuído para mudanças significativas na estrutura social, geográfica e cultural da região goiana do entorno. Na época da construção da nova capital, vieram para o local, pessoas das mais diferentes regiões do Brasil: Minas Gerais, São Paulo, Rio de Janeiro, Piauí, Bahia, Espírito Santo, Ceará, dentre outras.

Em função dessas mudanças e de Goiás possuir uma formação populacional e lingüística relacionada, principalmente, à imagem do indígena, descrito, pelos viajantes europeus, nos primeiros documentos sobre o Brasil, ainda no início da colonização como “povos primitivos, considerados bárbaros e selvagens” (Pessoa et al., 2008:1), e, ao estigma do caipira, caracterizado

historicamente como nômade, de hábitos rudes, irascível, valente e medroso ao estranho (Saint-Hilaire, 1975: 26), vinculou-se à região, a idéia de um local habitado por pessoas de conhecimento ínfimo, ignorantes, roceiras, preguiçosas, alheias às concepções de modernidade.

Várias representações identitárias de ordem negativa sobre o goiano emergiram ao longo dos anos. Hoje se tornou corriqueiro ouvir de pessoas de Brasília, de outros estados brasileiros e do próprio goiano, residente na região do entorno, frases, piadas e provérbios de grande teor depreciativo e preconceituoso: “Errar uma vez é humano, duas é goiano”, “Goiano é bobo, caipira, não sabe nem falar”, “Goiano sabe apenas comer pequi e falar errado”, “Goiano é tão preguiçoso que até para cantar precisa ser em dupla”, “As universidades de Goiás são as melhores do mundo, pois conseguem formar até mesmo um goiano”. A partir daí, as representações e estereótipos se formam no âmbito coletivo. A primeira identidade social da pessoa lhe é conferida pelos demais. “Aprendemos a ser quem dizem que somos” (Laing, 1986: 90).

As imagens de atraso foram interiorizadas, não apenas pelos habitantes vindos de outras partes do país, mas também por muitos goianos moradores da região. Goffman vê o estigma como “(...) um atributo profundamente depreciativo”, porém sinaliza que “(...) o que é preciso, na realidade, é uma linguagem de relações e não de atributos” (Goffman, [1963] 1988: 13). Ou seja, o estigma não surge das atribuições, mas sim da relação de significados subjacente a ele. Para o teórico, qualquer atribuição, cujo sentido sofra um processo de deteriorização, elimina as possibilidades de se aceitar os grupos estigmatizados.

Buscamos a linguagem de relações, a partir do princípio da posicionalidade de Bucholtz e Hall (2005) que aponta para uma concepção analítica de identidade como “fenômeno relacional e sócio-cultural, que emerge e circula em contextos discursivos de interação”, assumindo identidade como “um posicionamento social do ‘eu’ e do outro” (p. 585-86).

Outro fator decisivo que me orientou para esse tipo de pesquisa, além de ser professora da disciplina Língua Portuguesa e de ter tido o contato com os alunos que se sentiam estigmatizados, foi o fato de ter nascido no interior de Goiás, onde morei e vivi durante trinta anos. Ao me mudar para o entorno de Brasília, ainda no ano de 1999, observei e vivenciei as manifestações de

estigmatização em relação ao goiano, tanto pelas pessoas que migravam de outros estados brasileiros, como pelo próprio goiano em relação a si mesmo. Tais manifestações de não pertencimento à comunidade goiana, por vezes, incomodavam-me, gerando em mim um posicionamento de resistência ao estigma tanto que cheguei a me indispor com algumas pessoas em decorrência das críticas e brincadeiras que faziam. Ao mesmo tempo, adotei um posicionamento de reflexão, uma vez que pude perceber como a visão histórica e o meio social influenciavam e influenciam na construção e reconstrução das identidades.

Partindo dessas observações e das minhas próprias inquietações como goiana, percebi que poderia trazer contribuições de forma a detectar e analisar, por meio de entrevistas nas quais, ao mesmo tempo em que pesquiso, faço-me objeto da pesquisa, as possíveis causas do estigma ao modo de ser e de falar do povo goiano, residente no entorno do DF.

A metodologia é de natureza qualitativa e interpretativa (Denzin & Lincoln, 2006). O material utilizado para a análise consiste em um *corpus* de gravações em áudio, obtidas através de entrevistas individuais da pesquisadora/professora junto a quatro informantes goianos, residentes em Valparaíso de Goiás e Cidade Ocidental, cidades goianas situadas no entorno de Brasília. Os dados foram transcritos de acordo com as convenções de transcrição baseadas nos estudos de (Sacks, Schegloff e Jefferson, 1974); (Atkinson e Heritage, 1984), incorporando símbolos sugeridos por Schiffrin (1987), Tannen (1998) e Gago (2005).

O arcabouço teórico insere-se no âmbito da Sociolinguística Interacional, em interface com a Análise da Conversa, e em concepções de identidade(s) de ordem sócio-cultural e interacional (Bucholtz & Hall, 2003, 2005), informadas pela ordem micro e macro do discurso (Ribeiro e Pereira [2002] 2004), à luz das idéias de Goffman (1998) sobre estigma e nos estudos sobre concepções e construções de identidades de Zimmerman (1998) e de Pereira e Silveira (2006).

Do ponto de vista da Sociolinguística Interacional, são importantes os conceitos de enquadres interativos e esquemas de conhecimento (Tannen e Wallat, [1982] 2002), de alinhamentos/footings (Goffman, ([1979] 2002) e de convenções de contextualização (Gumperz [1982] 2002) e os estudos e análises apresentados por Pereira (2002). Nas questões teóricas relativas à Análise da Conversa,

utilizamos as noções do sistema de tomada de turnos, bem como outros elementos para a análise da fala-em-interação a partir de (Sacks, Schegloff & Jefferson 1974), Oliveira (2002), Marcuschi (2003), Gago (2005, 2006), (Oliveira, 2008).

Partindo das perspectivas teóricas apontadas, buscarei analisar, durante o processo interativo, na entrevista de pesquisa, construções e reconstruções identitárias, envolvendo estigma, categorizações e representações no âmbito do 'eu' e do 'outro'. Procurarei ver também como são negadas, ratificadas e/ou negociadas construções identitárias nas relações de pertencimento ou de não pertencimento a grupos e/ou comunidades.

A partir da análise dos dados, pretendo responder às seguintes perguntas da pesquisa:

1. Que posições identitárias os alunos mostram, na entrevista de pesquisa, em relação ao estigma da goianidade?
2. O que leva o aluno goiano residente no entorno de Brasília a rejeitar seu pertencimento à comunidade goiana?
3. Quais são as razões sócio-históricas da estigmatização da goianidade?

Para responder às questões de ordem macro, vinculadas ao processo histórico, social, cultural e político do estado de Goiás e da região do entorno de Brasília, contribuirão para este estudo os trabalhos de Saint-Hilaire (1975), Mello (1999), Palacin e Moraes (2001), Caiado (2005), Cândido (1998), Vasconcelos et al. (2006), Praxedes (2007), Brandão (1983), Zilles (2005), dentre outros.

Os objetivos do presente estudo consistem em:

- (1) analisar, na fala-em-interação, posições que indiquem construções identitárias sócio-culturais de silenciamento, de exclusão e de resistência à goianidade, na relação entre os alunos goianos e a entrevistadora/ professora, a qual é também goiana;
- (2) apontar, do ponto de vista macro, com emergência nas posições de ordem micro, razões de ordem histórica e sócio-cultural na formação populacional e lingüística do estado de Goiás e do Distrito Federal, que indiquem questões relacionadas à cultura caipira e ao estigma da goianidade.

Quanto à forma de organização, o trabalho encontra-se dividido em seis capítulos a serem detalhados a seguir.

Neste capítulo 1, procuro trazer as motivações de realização do trabalho, as orientações sobre a metodologia da pesquisa e o viés teórico, as perguntas norteadoras do trabalho e os objetivos pretendidos.

No capítulo 2, trato dos estudos que me auxiliaram na compreensão da formação do estado de Goiás, assim como na manifestação da cultura caipira, relacionadas ao estigma da goianidade. Essas informações de natureza sócio-histórica são relevantes na contribuição do entendimento, do ponto de vista social, de ordem macro, e de como a relação de pertencimento à comunidade goiana associa-se a estereótipos da cultura caipira.

No capítulo 3, traço o viés teórico, voltando-me para princípios da Análise da Conversa e da Sociolinguística Interacional. Em seguida, faço o detalhamento das concepções de identidades, envolvendo questões de ordem sócio-cultural, linguística e interacional, bem como sobre representação e estigma.

No capítulo 4, descrevo a metodologia adotada, os procedimentos de coleta dos dados, os participantes envolvidos na pesquisa e o contexto de realização das entrevistas.

O capítulo 5 traz a análise dos dados selecionados, com foco nos seguintes aspectos principais: 5.1 Posições de resistência à inclusão na categoria de ‘ser goiano’; 5.2 Representações estigmatizadas da goianidade: entre a visão do outro e as auto-representações; 5.3 Posições de mudança e agência em relação ao estigma da goianidade. Procuro demonstrar, interpretar e discutir os subtópicos propostos.

No capítulo 6, dedicado às considerações finais, retomo, o tema, os objetivos e os resultados da análise, mostrando de que forma a pesquisa pode contribuir para as questões propostas neste trabalho.

Esperamos assim que esse estudo contribua para formar um pensamento crítico-reflexivo sobre as identidades estigmatizadas nas regiões brasileiras em foco e funcionar como incentivo para pesquisas futuras, de forma a trazer conscientização sobre os diversos grupos sociais e linguísticos existentes no país.